

VIAJAR PARA APRENDER MAIS sobre fotografia

As expedições fotográficas estão cada vez mais comuns. Acompanhamos uma delas aos Lençóis Maranhenses, liderada pelo fotógrafo André Dib, e contamos o que se aprende nesse tipo de viagem, que une workshop com turismo

POR TALES AZZI

À

s quatro da manhã, ainda escuro, o grupo de nove pessoas reuniu-se à porta da pousada. Munidos de mochilas, câmeras e tripés, todos partiram caminhando, ainda sonolentos, em direção à praia em frente. O objetivo era fotografar o amanhecer na foz do Rio Preguiças, no vilarejo de Atins, região do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. A saída ao amanhecer era parte de uma expedição fotográfica, viagem que une ecoturismo com curso de fotografia em doses bastante equilibradas. Foi or-

ganizada pela Operadora Venturas e comandada pelo fotógrafo André Dib, um especialista em projetos de documentação ambiental. Com ele, durante uma semana de viagem, nove pessoas, a maioria profissionais liberais aficionados por fotografia, puderam aprender, na prática, técnicas fundamentais para captar boas imagens de natureza, paisagens e turismo.

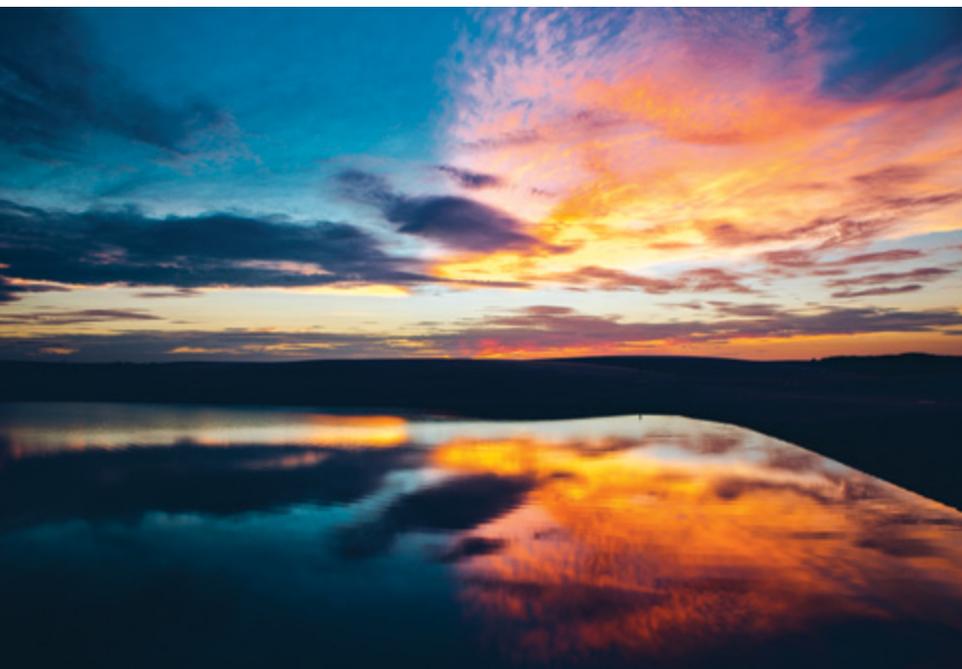
Essas expedições viraram moda. Funcionam como pacotes de viagem convencionais, pois incluem passagens aéreas, hospedagens, traslados e passeios no va-

Grupo de fotógrafos nos
Lençóis Maranhenses: viagem
com um professor do lado
que mistura turismo e aula

Tales Azzi



Acima, imagem captada por André Dib mostra um dos alunos em meio às dunas dos Lençóis; abaixo, um belo pôr do sol registrado pela aluna Adriana Song



lor total, mas com uma diferença fundamental: são coordenadas por fotógrafos profissionais com experiência no registro de paisagens, animais selvagens ou comunidades tradicionais. É uma excelente oportunidade para aprender os macetes da fotografia dessas áreas compartilhando o dia a dia em campo com um profissional. Nesse caso, acordar cedo, às vezes antes mesmo do nascer do sol, ou sair à noite para fotografar o céu estrelado faz parte da programação.

PROGRAMAÇÃO

Na expedição aos Lençóis Maranhenses, coube ao próprio André Dib elaborar o roteiro para aproveitar ao máximo as oportunidades de registrar imagens daquele legítimo deserto de dunas, o único do Brasil, por sinal, burilado ao longo

Adriana Song



André Dib

O fotógrafo profissional André Dib (de camiseta azul) orienta uma aluna durante a expedição: em fotografia de paisagem e natureza o uso do tripé é fundamental

de milhões de anos pela natureza, que pacientemente foi transportando a areia da praia para o interior do continente. Era começo de julho, período ideal para visitar os Lençóis, quando as lagoas, represadas pelas águas das chuvas que caem nos primeiros meses do ano, estavam bem cheias. “O planejamento e a pesquisa do destino é fundamental, por isso estamos aqui agora”, explicou Dib durante a palestra sobre técnicas fotográficas ministrada na primeira noite da viagem, na sala de eventos de um hotel em São Luís (MA).

Além de Barreirinhas, a “capital” dos Lençóis Maranhenses (a 260 km da capital maranhense), o roteiro previa hospedagens em pequenos vilarejos no entorno do parque nacional, como Atins e Santo Amaro do Maranhão, onde pou-

Tales Azzi





Alunos durante a prática: nas dunas, sobrevoando os Lençóis e a caminho do parque o cortando rio em 4x4



André Dib



ca gente vai – justamente para oferecer ângulos e panoramas ainda pouco conhecidos da região.

Todos os passeios foram pensados para os horários diferenciados para aproveitar as boas luzes do amanhecer e do entardecer. Só assim foi possível testemunhar alvoradas, finais de tarde e crepúsculos em meio às dunas e às lagoas dos Lençóis Maranhenses. Como em qualquer viagem aos Lençóis, essa também incluiu alguns momentos de aventura a bordo de picapes com bancos na carroceria que rodam pelas estradas de terra do parque nacional. Os caminhos rendem *off roads* divertidos, cruzando bancos de areia e atravessando rios com a água pelo capô.

Outros passeios são feitos de lancha pelo Rio Preguiças. Um deles levou a Mandacaru, povoado onde está o farol da Marinha, monumento da altura de um prédio de 14 andares que oferece um mirante panorâmico para a foz do rio. O grupo fotografou revoada dos guarás sobre o manguezal e fez uma parada na casa de Seu Zequinha, um ribeirinho, para uma demonstração da produção artesanal de farinha de mandioca. “Incluo uma história humana porque o retrato faz parte do meu trabalho. Mas não é fácil de fazer. É preciso um interesse real pela história da pessoa para o retrato surgir de forma especial. Sem esse mergulho a fotografia não sai”, explicou Dib.

IMAGENS AÉREAS

Certa tarde, todos rumaram para o pequeno aeroporto de Barreirinhas para embarcar em um avião monomotor que faz sobrevoos nos Lençóis. Para atender a necessidade dos fotógrafos, Dib pediu ao piloto que retirasse a porta da aeronave, procedimento comum em fotografia aérea. Antes a recomenda-



Escala: o barco em movimento dá a ideia da dimensão das dunas nos Lençóis Maranhenses

Dicas de fotografia de André Dib

Veja algumas dicas que foram passadas na prática para os participantes da expedição fotográfica aos Lençóis Maranhenses.

Planejamento – Fundamental para o sucesso de uma viagem fotográfica. Começa na escolha da época certa para viajar e segue na definição do cronograma diário do que será fotografado – que pode mudar a cada dia conforme a previsão do tempo.

Estudo do horário – Tente encontrar o melhor horário para fotografar cada cena. Uma dica é utilizar o aplicativo The Photographer's Ephemeris, que mostra na foto de satélite a direção e o horário do nascer do sol e da lua. Uma bússola também pode ajudar.

Não se atrase – Antecipe-se à luz e tente chegar ao local cedo, para poder trabalhar com calma e procurar um bom ângulo para registrar a cena.

Composição – A regra dos terços é uma orientação importante, mas não pode ser uma camisa de força. A desconstrução das regras evita que as fotos fiquem sempre iguais. Tenha liberdade para criar,

sem pressão. E aí pode surgir uma visão mais autêntica e autoral.

Escala – Incluir um elemento humano traz sensação de espírito e noção de escala nas fotos de paisagens.

Luz – Não é só o amanhecer ou o entardecer que rendem boas fotos. Há muitas oportunidades em diferentes condições de clima e horários, mesmo ao meio-dia (quando se pode aproveitar o contraste de cores) ou num dia nublado (ótimo para fotos internas de florestas, cachoeiras e macrofotografia).

Tripé – Importante que tenha *ball head*, acessório bem prático. Com a câmera sobre ele, pode-se usar o recurso *mirror lock up* (levantamento do espelho) e enquadrar em modo Live View (pelo monitor).

Filtros – O polarizador faz uma tremenda diferença em fotos de paisagens. Satura as cores e elimina os reflexos. Já o de densidade neutra (ND) é muito útil para fotos em que se deseja um efeito de movimento lento de água e nuvens. Os graduados ainda permitem equilibrar o contraste entre o chão e o céu (veja mais na pág. 78).

Teleobjetiva – Como pesam um bocado, avalie se você vai realmente usar para que a mochila não se torne um incômodo ao longo

do dia. Às vezes, apenas com uma lente-padrão, como a 24-70 mm, é suficiente e tem-se muito mais mobilidade. É preciso avaliar cada situação para definir o que levar. Ter uma câmera reserva de sensor APS-C é uma boa alternativa para usar com a tele, já que o fator *crop* "potencializa" o alcance do zoom.

Retrato – É preciso dedicar tempo. Interagir e ganhar a confiança da pessoa. Só com o interesse real pela história do retratado é que se pode extrair uma boa imagem.

Fotografia noturna – É preciso verificar a hora em que a lua se põe. Caso a ideia seja fotografar um céu estrelado, a lua deve estar baixa no horizonte. Nesse caso, o tempo de exposição não deve ultrapassar 30 segundos. Ajuste a câmera em ISO 3.200 e a lente na abertura máxima. Com uma lanterna, ilumine um primeiro plano interessante: árvore, barco, casa, pessoa... Já se o objetivo é registrar rastros de estrelas o tempo de exposição pode ir de 15 minutos até várias horas, dependendo do efeito que a pessoa deseja criar. A lua baixa também é ideal se o objetivo for registrar o relevo, com a luz lateral valorizando o volume e a textura.



Fotos: Tales Azzi

Participantes da expedição, da esq. para a dir.: Josiel (guia), Paulo Cattelan, André Dib, Adriana Song, Sonia Song, Ana Fage, Tani Bottini, Ana Lucia Longo e Yong Song

Escolha um expedição

São vários os fotógrafos que fazem expedições fotográficas, tanto no Brasil quanto para o exterior. Um dos pioneiros na área é o carioca Fabio Elias, da Imagens & Aventuras, que há cerca de 15 anos organiza viagens com intuito de ensinar técnicas fotográficas. Muitas dessas iniciativas estão ligadas à fotografia de natureza e paisagens, e renomados profissionais dão workshops para grupos pequenos durante a jornada, casos do gaúcho Zé Paiva, do paranaense Zig Koch, do paulista Luciano Candisani e do mineiro Cristiano Xavier. Confira os contatos de alguns profissionais:

FABIO ELIAS
www.imagenseaventuras.com.br
(21) 2494-5250

ZÉ PAIVA
www.zepaiva.com
(48) 3269-7744

ZIG KOCH
www.zigkoch.com.br
(41) 3366-9560

LUCIANO CANDISANI
www.lucianocandisani.com
(12) 3896-6145

CRISTIANO XAVIER
www.onelapse.com.br
(11) 2528-9181

VALDEMIR CUNHA
www.valdemircunha.com.br
(11) 3879-9494

HAROLDO CASTRO
www.viajologia.com.br

MARCO BROTTTO
www.auroraboreal.blog.br



Paulo Cattelan

Foto do aluno Paulo Cattelan feita em Atins, vila dentro do parque

ção: “Pessoal, ajustem a câmera em ISO 400 e abertura f/4 para termos velocidade de obturador segura e evitar fotos tremidas”, orientou.

Outros momentos eram reservados para exercícios fotográficos. Na praia de Atins, por exemplo, os participantes puderam fotografar com o uso de filtros. “O polarizador é imprescindível nas fotos de paisagens e os de densidade neutra (ND) são muito úteis para criar efeitos com rastros de nuvens e movimentos de água”, explicou Dib – leia mais sobre o tema na pág. 78.

Apesar da programação intensa e dos horários em ritmo de re-

portagem, houve tempo de sobra para aproveitar a viagem: almoços mais demorados, cochilos em reditórios dos restaurantes e até banhos de lagoa sem pressa. Para o empresário Yong Song, que participou da viagem, o mais importante foi conhecer a rotina profissional do fotógrafo. “A escolha dos horários diferenciados para cada saída fez toda a diferença”, confidenciou. Já a estudante de fotografia Ana Fage disse que há tempos queria vir para os Lençóis Maranhenses e quando descobriu a possibilidade de fazer isso unindo a viagem a um workshop de fotografia não pensou



Imagem aérea dos Lençóis Maranhenses, uma das regiões mais belas do planeta

duas vezes. “Gostei muito de ir a lugares ermos e com pouca gente, nos quais eu teria receio de ir sozinha para fotografar”, disse.

GRUPO UNIDO

Uma vantagem nesse tipo de viagem é que geralmente há uma identificação maior entre as pessoas do grupo, pois todos têm interesse em fotografia. Ninguém reclamou por ter que levantar cedo ou ficar até mais tarde fotografando ao anoitecer. Todos queriam estar presente em cada momento para registrar cada paisagem. A conversa rolou fácil. Em poucos dias, todos já estavam amigos e até combinavam futuros encontros.

Outro ponto positivo é o preço. Embora não seja uma pechincha (a partir de R\$ 5.300 por pessoa custou o workshop nos Lençóis Maranhenses), é bem razoável pelo que oferece. É preciso levar em conta não só o curso ministrado por um profissional conceituado, como é o André Dib, mas também toda a logística e saídas fotográficas realizadas em horários diferenciados, que seriam caríssimas para uma só pessoa fazer, mas que em grupo não fica tão caro. Vale a pena, tanto pela diversão da viagem em si quanto pela possibilidade de aprimorar-se de forma intensa nos conhecimentos de fotografia. ■

Confira as próximas viagens com Dib

André Dib, em parceria com a operadora Venturas, tem mais duas expedições fotográficas agendadas para os próximos meses, uma para o Deserto do Atacama, no Chile, em novembro, e outra para a Islândia, em 2018. A viagem ao Atacama está prevista para o período de 14 a 20 de novembro de 2017. O pacote de sete dias tem preço a partir de US\$ 3.340 por pessoa. Já em março de 2018 a programação é para o extremo norte da Europa para fotografar fiordes e a aurora boreal em terras islandesas. Terá duração de oito dias e custará a partir de 3.740 euros por pessoa. Mais informações em www.venturas.com.br.